

# Terenas arrecadam R\$ 4 mil de caminhoneiros em bloqueio na BR

Só passava quem pagava. Os índios ameaçam voltar a fechar a estrada. Eles possuem dívida de R\$ 120 mil no comércio de Rondonópolis e querem área

Romilson Dourado

Enviado Especial a Rondonópolis

Índios terenas, remanescentes de Mato Grosso do Sul, podem voltar a bloquear a rodovia BR-364, no sul do Estado, caso a Funai não negocie a desapropriação de uma área para assentá-los. Eles estão dispostos a continuar cobrando pedágio de R\$ 10,00 por motorista até arrecadar recursos suficientes para adquirir uma reserva e para quitar uma dívida de R\$ 120 mil no comércio de Rondonópolis. A radicalização ganhou ontem apoio de índios xavantes, da região de Primavera do Leste. Pressionada, a Funai pede trégua de 60 dias.

No último sábado, em quatro horas de obstrução na BR-364, no posto da Polícia Rodoviária Federal, em Rondonópolis, os índios arrecadaram cerca de R\$ 4 mil. O pagamento tinha direito até a um recibo de "doação", em nome da "Associação dos Trabalhadores Indígenas Recanto Pontal". Revoltados com o segundo protesto em menos de um mês, alguns motoristas chegaram a atravessar suas carretas na pista, para evitar cobrança de pedágio. O bloqueio provocou tensão e congestionamento.

"Estamos cansados de promessa. Vamos reavaliar a proposta", declarou o cacique Milton Jor-

ge Turi Rondon, líder na nação terena. Ele não descarta a hipótese de continuar o bloqueio e a cobrança de pedágio, mesmo depois da reunião de ontem em Cuiabá com representantes da Funai e do Incra.

Radicados na periferia de Rondonópolis, os terenas se transformaram em sem-terra e vivem abandonados pela Funai. Na luta pela posse da terra, eles invadiram, em março, a fazenda Campo Novo, propriedade do ex-vereador Raul Pinto. Pinto ingressou na Justiça e já obteve a liminar de reintegração de posse. Os índios têm prazo até esta quinta-feira, dia 17, para desocupar a área de 2,5 mil hectares.

Milton disse que já alertou a Funai e os ministros do Transporte e da Justiça sobre a radicalização do movimento. Ele se diz revoltado com o não-cumprimento de várias promessas para aquisição de uma área no sentido de assentar os 52 índios de 14 famílias, que vivem em situação subumana no Parque São Jorge.

Os terenas são oriundos de Mato Grosso do Sul (MS). A "briga" pela área própria junto a Funai já dura uma década. Chegaram em 1988. Ficaram uma semana em Cuiabá e foram transferidos à aldeia Tadarimana, dos bororos. Depois de conflitos, foram expulsos.

## Dívida em Rondonópolis

Enviado Especial

Engrossando a lista de trabalhadores sem-terra, os índios terenas já contraíram uma dívida de R\$ 120 mil no comércio rondonopolitano, admite o cacique Milton Rondon. Segundo ele, os débitos são referentes à alimentação, combustíveis e medicamentos.

Desde março, quando in-

vadiram a fazenda Campo Novo, às margens da BR-364, os terenas vêm acumulando dívidas. Abandonados no acampamento, eles utilizam um caminhão para transportar água de um posto de gasolina, no perímetro urbano, até o acampamento.

Em maio do ano passado, após receber um grupo de terenas em seu gabinete em Brasília, o então presidente da

Funai, Sullivan Silvestre, que faleceu num acidente aéreo em Goiânia, chegou a nomear uma comissão para articular com a Prefeitura Municipal de Rondonópolis a aquisição de uma área para os terenas. Além disso, a Funai chegou a fornecer por alguns meses cestas básicas aos índios, através do programa Ação Solidária. "De nada adiantou a promessa", criticam os índios. (R.D)

## Presidente da Funai promete "agilizar"

Enviado Especial

O ex-vice-governador do Estado e presidente nacional da Funai, Márcio Lacerda, disse que uma comissão do órgão, que já esteve em Rondonópolis para negociar uma área aos índios terenas, voltou a se reunir em Cuiabá para agilizar a desapropriação da fazenda Campo Novo. Ele garante que a Funai está empenhada em resolver o impasse. "A comissão vai acelerar o processo", diz. Segundo ele, o principal empecilho é a falta de recursos para garantir a desapropriação da área. "Vamos solucionar esse problema o mais rápido", declarou Lacerda. Ele condenou os terenas pelo bloqueio de uma das principais rodovias do país para cobrar pedágio.

Reunido ontem com Clóvis Cardoso, superintendente regional do Incra, Áureo Faleiro, diretor de Assuntos Fundiários da Funai, observou que a tramitação normal do processo de desapropriação deve demorar seis meses. Contudo, acha possível concretizar o projeto em dois meses. "Uma equipe vai se deslocar à área para fazer a vistoria", destacou Clóvis.

O pecuarista Raul Pinto, proprietário da Fazenda Campo Novo, onde os terenas estão acampados, acusou Márcio Lacerda e o administrador regional da Funai, Idevar Sardinha, de estimular os índios a invadir sua fazenda. "Eles incentivaram os índios para promover a invasão. Agora ficam enrolando. Ou compram a área ou então que promova a desocupação", criticou Raul Pinto, ex-presidente da UDR na região sul do Estado.

## Bororos não aceitam ser vizinho dos terenas

Enviado Especial

Temendo novos conflitos, os índios bororos não aceitam a hipótese dos terenas serem assentados em áreas vizinhas. "Tem irmão querendo enganar irmão. Mas bororo não é bobo e nem submisso de ninguém", diz o índio José Márcio Xavier de Queiroz, o bororo "Parumiriri". Ele alertou que pode haver conflito entre as duas etnias, caso a Funai venha assentar os terenas em área que faça divisa com reservas dos bororos.

"Parumiriri", que no dialeto de sua comunidade significa "Machado de Ferro", lembra que há uma década os terenas passaram a conviver na aldeia Tadarimana junto com os bororos. Mas acabaram sendo expulsos. Ele considera justa a reivindicação dos terenas. Entretanto, alerta que os bororos impõem resistência caso suas reservas venham a ser ameaçadas.

De acordo com ele, os terena, através do Incra, estavam na iminência de ser assentados na área da fazenda Rio Vermelho, no município de Santo Antônio de Leverger. A propriedade faz divisa com a aldeia Piebaga. Temendo conflito, a Funai interferiu. Os bororos dizem temer migração em massa dos terenas, que formam uma comunidade com mais de 10 mil índios em 17 aldeias no Mato Grosso do Sul.

O terena Milton Rondon descarta qualquer iniciativa de conflito com os bororos. (R.D)